Brasil terá de recorrer a arsenal contra o dragão
Eliane Oliveira e Gustavo Paul

Especialistas recomendam mais financiamento e revisão dos acordos com países vizinhos

O Brasil terá de lançar mão de um arsenal criativo de medidas comerciais e políticas para contrapor-se à invasão chinesa na América Latina. O governo brasileiro sabe que nos próximos anos será inevitável o acirramento da concorrência com os produtos chineses nos mercados vizinhos. Mais que o aumento das medidas de defesa comercial via identificação de práticas desleais de comércio, o governo terá de rever acordos bilaterais e fomentar os financiamentos para compra de produtos brasileiros, enquanto o empresariado precisará aumentar a qualidade de seus produtos e reduzir preços.

A tendência para os próximos anos é uma sobre oferta chinesa de produtos industrializados, a preços competitivos. Isso representará uma concorrência bastante dura para os exportadores brasileiros — diz Ivan Ramalho, secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento, acrescentando que uma das armas é a disseminação das transações comerciais com moedas regionais, prática iniciada com a Argentina.

Para o professor da Unicamp Júlio Gomes de Almeida, ex-secretário de Política Econômica, o ideal é reforçar financiamentos no continente e revisar e ampliar acordos:

O que está em jogo é nossa penetração no mercado de manufaturados. Temos de reforçar as relações com outros países.

O superintendente de Comércio Exterior do BNDES, Luiz Antônio Dantas, lembra que o banco só pode beneficiar empresas brasileiras, ao contrário do que acontece na China. Ele admite que os chineses têm tido uma participação mais agressiva nas licitações de governos da região área onde as empresas brasileiras se destacam, em obras de energia, portos e transporte. Segundo Dantas, no primeiro semestre, os desembolsos do BNDES na região cresceram 114%.

'As empresas brasileiras têm de correr atrás'

O economista-chefe da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex), Fernando Ribeiro, destaca que o grande foco dos chineses na América Latina são os recursos naturais e minerais. Isso se deve ao fato de a economia chinesa não parar de crescer.

Não me preocuparia tanto. O Brasil vem se tornando um grande investidor. A lição é de que as empresas brasileiras têm de correr atrás — enfatizou.

Marcos Vinícius Tatagiba, diretor da Associação Brasileira de Assessoria e Consultoria em Comércio Exterior (Abracomex), diz que os investimentos chineses diretos no Brasil são importantes por gerar emprego e renda, mas têm de seguir as regras locais. A Baosteel desistiu em 2008 de construir uma siderúrgica aqui, alegando problemas com licenciamento ambiental. Tatagiba alerta que o Brasil deve resistir às pressões para usar mão de obra chinesa em empreendimentos daquele país:

Se o Brasil abrir exceções à China, terá de admitir trabalhadores de outros países.

Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 2 ago. 2009, Economia, p. 32.